

A HISTÓRIA NA OBRA DE BENJAMIN E A HISTÓRIA ENSINADA NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES*

*Selva Guimarães Fonseca***

Durante algum tempo, como professora de História de crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, como estudante de História no curso superior, questioneei e investiguei a discrepância entre a História estudada na academia e aquela destinada às escolas de 1º e 2º graus.

O espaço acadêmico no Brasil caracteriza-se pela multiplicidade de leituras e interpretações, métodos e temas, por uma prática de ensino e pesquisa aberta. Entretanto, é um espaço de produção extremamente "elitista", pois só acessível a um pequeno número de pesquisadores; parte do já reduzido percentual atendido pela universidade brasileira. Dados da UNESCO de 1988 apontam que no Brasil a universidade atende apenas 10% da população em idade de ensino superior.

Por outro lado, as escolas destinadas às crianças e adolescentes (com raríssimas exceções) carecem não só de uma bibliografia variada, de professores bem formados, mas sobretudo de uma prática pedagógica que estimule o debate, a investigação e a criação. Assim, ao contrário das Universidades, as nossas escolas são espaços de transmissão de informações de uma ou outra leitura historiográfica que, fragmentada e simplificada, acaba muitas vezes impondo uma versão como sendo a verdade histórica sobre determinados temas.

Este fato não só é revelador de dimensões da tão falada crise educacional como também revela a necessidade da análise do papel da Indústria Cultural no processo de mudanças da forma e dos conteúdos ensinados aos jovens. Com base nestas preocupações, que fazem parte de meu objeto de pesquisa, pretendo aqui realizar algumas reflexões sobre a importância da incorporação de elementos da análise benjaminiana da História para o resgate e a revalorização do ensino de História entre nós.

Um dos elementos fundamentais é a concepção de História como construção. Na tese 17, Benjamin critica o historicismo e o procedimento aditivo, afirmando que, ao contrário, "a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias mas também sua imobilização". Aqui o autor deixa claro: o procedimento de "explodir

*favor escrever a nota aqui

** Mestra, Doutorando pela USP e Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia.

o continuum da história" implica no explodir da história universal. E em contraposição ao "continuum", se coloca uma outra construção, pois a "paralisação para pensar" permite pensar o virtual; ou seja, implica num "vir a ser construído".

A concepção benjaminiana de História confronta diretamente com a historiografia positivista e com a social-democracia. Na tese 13, o autor critica a seqüência temporal linear e evolutiva do progresso da humanidade, afirmando que "a crítica da idéia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha". A História, segundo o autor, na tese 14, "é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras".

Esta crítica à historiografia seqüencial, factual, causal e teleológica parece bastante comum no meio acadêmico brasileiro. Vários artigos e teses, especialmente a partir da publicação das obras de Benjamin, tratam detalhadamente desta questão. Entretanto, a historiografia de difusão que é consumida pela maioria dos jovens é fundamentalmente calcada no conceito dogmático de progresso da humanidade. Um dos modelos dominantes é o chamado "quadripartite francês", esquema cronológico composto pelos 4 (quatro) grandes períodos: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e finalmente a Contemporânea. Aqui, o presente (o novo) e o passado (morto) estão rigidamente separados e tudo aquilo que pode "atrapalhar" a "perfeita ordenação do progresso", como diz Certeau, é excluído, não tem lugar e, portanto, não tem direito à História.

O outro esquema dominante aparece como renovação em Currículos e livros de História: é a versão marxista ortodoxa da evolução dos modos de produção. A humanidade evolui com o desenvolvimento inexorável das forças produtivas. Inicialmente o regime de Comunidades Primitivas, o Modo de Produção Escravista, ou o Modo de Produção asiático, o Feudalismo, a transição, o Capitalismo, suas crises e, finalmente, o nosso destino se completa com o Modo de Produção Socialista. Dessa forma, o início, o meio e o fim da História estão previamente determinados e, o mais grave, o progresso é fundamental para que o nosso destino se realize.

Segundo Benjamin, na tese 15, "a consciência de fazer explodir o continuum da História é própria às classes revolucionárias no momento da ação". Na tese 16, o autor afirma que "o materialismo histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza... Ele fica senhor de suas forças suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da História". Trata-se de um salto *dialético*.

Nesta proposta metodológica de construção da História as relações passado/presente são redimensionadas numa relação dialética. O passado ressurge no presente num movimento de re-construção, não de repetição, de mera sucessão; ou de evolução.

Os dois arcabouços historiográficos dominantes no ensino de História negam este caráter "construtivista" e dialético da História. A História universal, que nada mais é que a História européia, é transmitida como o desenvolvimento "natural" das forças produtivas no decorrer do tempo contínuo, homogêneo e vazio.

Assim, países e povos que viveram processos e ritmos diferenciados são automaticamente excluídos do edifício da História Universal, pois ela já está dada, não há abertura, não há descontinuidade, não há portas nem janelas por onde pode num segundo penetrar o Messias. Estes dois esquemas privilegiam o que Benjamin denomina um "processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral". Logo, uma trajetória que independe da realidade concreta dos sujeitos históricos, pois suas ações não são consideradas, nem tão pouco a possibilidade do despertar. A tempestade "progresso" não permite que o anjo da História possa "deter-se para acordar os mortos e juntar seus fragmentos" (Tese 9).

Um outro elemento importante do pensamento benjaminiano para a nossa reflexão sobre a História ensinada é a valorização daquilo que tradicionalmente não tem significado para a História. Na Tese 3 o autor afirma: "o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a História". Na Tese 4 Benjamin explicita o papel do historiador marxista frente à questão, afirmando que "na luta de classes as coisas refinadas e espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nesta luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza e agem de longe, do fundo dos tempos".

Na historiografia positivista só têm valor para a História os fatos retirados dos documentos, os "únicos testemunhos do real"; logo, se não há documento, não há História. Desta forma a História Universal é basicamente a cronologia política institucional, a sucessão de datas e fatos protagonizados pelos governantes. Na versão marxista ortodoxa o que interessa é o esquema explicativo, os conceitos, o desenvolvimento da chamada infra-estrutura e a luta de classes é considerada apenas nas dimensões econômica e política. Nos dois casos, a principal característica é a fragmentação das diversas dimensões constitutivas da mesma realidade social, política, cultural, econômica, espiritual e o privilegiar dos aspectos chaves para a elaboração do discurso explicativo.

Ao contrário disto, Benjamin alerta os historiadores para as transformações menos perceptíveis, uma vez que a experiência humana se manifesta não apenas na natureza política da luta de classes, mas como sentimentos, valores e imagens. A idéia de totalidade, representada pelo organismo simples, a "mônada", nos remete à possibilidade de resgate da História a partir de qualquer tema ou objeto do nosso cotidiano. A produção historiográfica contemporânea tem avançado enormemente no processo de ampliação temática e documental.

Entretanto, a nível de difusão, o peso da tradicional historiografia e a concepção de História de pais, alunos e muitos professores, identificada apenas com grandes feitos dos heróis, dificulta a incorporação de novos campos temáticos.

Este fato pode ser relacionado à problemática da decadência da troca de experiências no mundo atual dominado pela técnica. Em "Experiência e Pobreza", Benjamin pergunta: "quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? O autor estava convencido do declínio da arte de narrar, da troca de experiências entre as diferentes gerações num mundo dominado pela técnica. A tradicional forma de transmissão de valores via narração, enquanto experiência coletiva unindo emissor e receptor, foi substituída pela transmissão de informações, fragmentadas, atemporais, mercadorias para uma sociedade de consumo.

Estas mudanças estão explícitas na forma e no conteúdo do ensino de História. Em "O Narrador" Benjamin nos mostra as diferenças entre a verdadeira narrativa e a informação. Enquanto a informação só tem valor no momento em que surge, é dirigida rapidamente como uma explicação verdadeira, pronta e acabada, a narrativa, ao contrário, é sempre aberta às interpretações, chamam a si diferentes leituras e reflexões duradouras. O seu caráter construtivo e aberto conserva seu valor, por milhares de anos, para muitas e muitas gerações. Com a massificação e a modernização do processo de ensino, qual dos nossos alunos é capaz de, após um ano de curso, recordar o que lhe fora ensinado sobre a História do Brasil? Os esquemas historiográficos são transmitidos na maioria das vezes como a História, logo eles trazem em si as explicações que, fragmentadas, fetichizadas, são atemporais e a-históricas. Os modernos meios e recursos de ensino possibilitam o trabalho de criação e estimulam a reflexão?

Se para Benjamin o historiador é o "intérprete político dos sonhos coletivos", nós historiadores e sobretudo os professores de História temos que nos despertar para, a partir daí, penetrar nos sonhos, interrompê-los e "salvar" a História. Salvar a História, para mim, é fazer crescer a consciência dos jovens através de um trabalho de reflexão e de re-construção da experiência humana. Trata-se, sem dúvida, de uma tarefa de natureza política, uma vez que a escolha do que é ensinado e do como ensinar é uma decisão política.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Seleção e apres. Willi Bolle. Trad. Celeste H.M.R. Sousa et al. São Paulo: Edusp/Cultrix, 1986.

BOLLE, Willi. Literatura e técnica: a modernidade fascista. In: *Folhetim* (Folha de São Paulo), nº 563, 23/11/1987, pp. 6-9.

_____. Viagem a Moscou: o mito da revolução. In: *Revista USP*, março/abril/maio de 1990, pp. 117-134.

_____. A cidade como escrita. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, S.M.C./DPH, 1992, pp. 137-144.

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*. São Paulo, USP, 1989. (Tese de Doutorado).

_____. Memória e História em Walter Benjamin. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, S.M.C./DPH, 1992, pp. 151-156.

Revista USP - Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, USP, nº 15, set/out/nov de 1992.